



**Unser
Denken
ist unser
Land**

Eine Dokumentation
zur Verleihung
des Bremer
Solidaritätspreises 1992
an Davi Kopenawa
Yanomami
am 30. April 1992
im Rathaus zu Bremen

**O nosso
pensamento
é a nossa
terra**

Documentação
da entrega do Prêmio
de Solidariedade
de Bremen 1992
a Davi Kopenawa
Yanomami
em 30 de abril de 1992
na Prefeitura de Bremen

**FREIE
HANSESTADT
BREMEN
DER SENAT**

Diese Broschüre wird herausgegeben vom Senat der Freien Hansestadt Bremen, Presse und Information
Übersetzung ins brasilianische Portugiesisch:
Sílvia Amaral
Ulrich Mangel
Korrektur der gesetzten Texte:
Ulrich Mangel
Fotos:
Jürgen Escher,
Jürgen Nogai
Druck:
WMTT Druck- u. Verlags-GmbH,
Bremen
Bremen, Oktober 1992

Konzept der Dokumentation und Gestaltung:
Referat Bremen-Werbung in der Pressestelle des Senats

Die in dieser Dokumentation veröffentlichten Bilder sind Teil eines Foto-Essays, entstanden über die Yanomami-Indianer im Amazonas-Distrikt von Juli bis September 1990.

Jürgen Escher, geboren 1953 in Herford, studierte Fotografie an der Fachhochschule Bielefeld und ist freier Bildjournalist mit dem Schwerpunkt soziale Themen.
1989 Berufung in die Fotografische Akademie GDL, Gesellschaft Deutscher Lichtbildner.

Die von dem Bremer Fotografen Jürgen Nogai hergestellten Fotos sind entstanden anlässlich der feierlichen Vergabe des dritten Bremer Solidaritätspreises an Davi Kopenawa Yanomami am 30. April 1992 im Rathaus zu Bremen.

Zu den Fotos von Jürgen Escher:
„... Ich war ... im Auftrag des kirchlichen Hilfswerks Adveniat für sieben Wochen in Venezuela. Dabei hatte ich Gelegenheit, ins Gebiet der Yanomami-Indianer an den Oberlauf des Orinoco fahren zu können... In den Tagen bei den Yanomami, einem der letzten Urvölker dieser Erde, habe ich ein Volk kennengelernt, dessen Kultur in seiner Existenz bedroht ist. Alle Fotografien sind in der Region Mawaka und Platanal am Oberlauf des Orinoco entstanden. ...“
Jürgen Escher

Este folheto foi editado pelo Senado da Cidade Livre Hanseática de Bremen, Imprensa e Informação.
Tradução para o Português brasileiro:
Sílvia Amaral
Ulrich Mangel
Revisão:
Ulrich Mangel
Fotos:
Jürgen Escher
Jürgen Nogai
Impressão:
WMTT Druck- u. Verlags-GmbH,
Bremen, outubro de 1992

Conceito da documentação e realização...
Seção de Propaganda para a cidade de Bremen no Departamento de Imprensa do Senado

As fotografias publicadas nesta documentação são parte de um foto-ensaio sobre os índios Yanomami realizado no estado do Amazonas de julho a setembro de 1990.

Jürgen Escher, nascido em Herford, em 1953, estudou fotografia na Faculdade de Bielefeld. Ele é jornalista fotográfico independente e tem como ponto central de seu trabalho temas sociais. Convidado em 1989 pela Academia Fotográfica GDL, Associação Alemã dos Fotógrafos.

As fotos feitas pelo fotógrafo Jürgen Nogai, de Bremen, foram criadas para o 3º Prêmio de Solidariedade de Bremen, entregue a Davi Kopenawa Yanomami no dia 30 de abril na Prefeitura de Bremen.

A respeito das fotos de Jürgen Escher: "... Eu estive ... durante sete semanas na Venezuela por ordem da obra assistencial eclesial Adveniat e, na ocasião, tive a oportunidade de passar pela região dos índios Yanomami no curso superior do Orinoco. Durante os dias que passei com os Yanomami, uma das últimas tribos indígenas existentes neste planeta, conheci um povo cuja cultura está ameaçada na sua existência. Todas as fotografias foram feitas nas regiões Mawaka e Platanal no curso superior do Orinoco..."
Jürgen Escher

Eine Dokumentation

Die Initiative zur Schaffung des „Bremer Solidaritätspreises“ war Anfang 1987 vom Bremer Landesparlament, der Bürgerschaft, ausgegangen: „Wir wollen Zeichen der Ermutigung für jene setzen, die sich mit Ungerechtigkeit und Unterdrückung nicht

abfinden, die aufbegehren und sich zur Wehr setzen.“ Die Bremer Stadtmusikanten sind das Symbol des Bremer Solidaritätspreises, den der Senat der Hansestadt am 24. 2. 1988 erstmals verliehen hat. Erster Preisträger der neugeschaffenen Auszeichnung wurde das Ehepaar Winnie und Nelson Mandela, Symbolfiguren für den Widerstand der schwarzen Bevölkerung gegen Unterdrückung und

Entrechtung durch das südafrikanische Apartheids-Regime. Der Bremer Solidaritätspreis ist mit 10.000 DM dotiert und besteht außer dem Geldbetrag aus einer Skulptur, die das Märchen von den Stadtmusikanten auf seinen Kern zurückführt und künstlerisch von dem Bremer Bildhauer Bernd Altenstein umgesetzt worden ist. Unterhalb der plastisch hervorgehobenen Tiermasken beginnt die Geschichte mit einem Fußtritt. Stür-

zende und sich aufraffende Menschen nehmen die Gestalt einer bewegten Gruppe hinter Tiermasken an. Nicht der Schilderung der Demütigungen und Brutalitäten sei seine Plastik gewidmet, sagt der Bildhauer, sondern der Einmündung dieses Schicksals in den kreativen Widerstand.



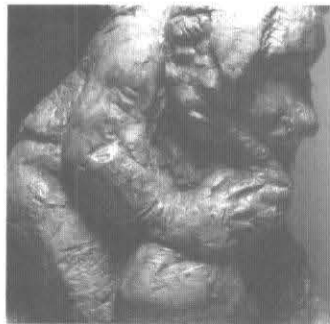
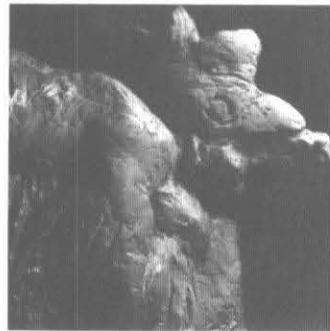
Uma documentação

A iniciativa de criação do “Prêmio de Solidariedade de Bremen” partiu do Parlamento do Estado de Bremen no início de 1987: “Nós queremos dar um sinal de encorajamento para aqueles que não aceitam a injustiça e a opressão e lutam contra elas”.

Os Músicos de Bremen são o símbolo do Prêmio de Solidariedade de Bremen que o senado da cidade de Bremen concedeu, pela primeira vez, em 24. 02. 1988 . Os primeiros premiados com a recém criada condecoração foram o casal Winnie e Nelson Mandela, figuras-símbolo da resistência da população negra contra a opressão e privação de direitos, causadas pelo regime de segregação racial sul-africano.

O Prêmio de Solidariedade de Bremen consiste de uma quantia de 10.000 marcos e uma escultura que se concentra na mensagem principal do conto “Os Músicos de Bremen” e que foi criada pelo escultor bremense Bernd Altenstein. Abaixo das máscaras em alto relevo dos animais, a história começa com um pontapé. Pessoas que caem e outras que se levantam

formam uma configuração de um grupo em movimento por trás das máscaras dos animais. Segundo o escultor a escultura não se presta a descrever as humilhações e brutalidades, sofridas pelas personagens, mas retrata o início de uma forma criativa de resistência para esses seres.



Details aus dem Entwurf von Prof. Altenstein zur Skulptur der Bremer Stadtmusikanten
Foto: Jürgen Nogai

Detalhes do modelo da escultura dos Músicos de Bremen, de professor Altenstein



Der Bremer Solidaritätspreis wurde im Jahre 1992 an Davi Kopenawa Yanomami aus Brasilien verliehen. Gewürdigt wird damit das Engagement des indianischen Führers, der sich seit Jahren für sein insbesondere durch Goldsucher bedrohtes Volk und für die Erhaltung seiner natürlichen Umwelt im Regenwald des Amazonas einsetzt.

Das Volk der Yanomami lebt seit 3000 Jahren im Amazonasgebiet zwischen Brasilien und Venezuela. Es ist eines der letzten unberührten Naturvölker Amerikas. Heute droht ihm Ausrottung und Vernichtung.

Die Verleihung des Solidaritätspreises soll nicht nur Solidarität mit dem Kampf der Yanomami um ihr Überleben bekunden, sondern im 500. Jahr der Entdeckung Amerikas gleichzeitig auf eine der Folgen der Invasion fremder Kulturen in Amerika aufmerksam machen.

Davi Kopenawa Yanomami nahm den Bremer Solidaritätspreis am 30. April 1992 in der Oberen Halle des Rathauses zu Bremen persönlich entgegen.



Foto: Jürgen Nogai



O Prêmio de Solidariedade de Bremen do ano de 1992 foi oferecido a Davi Kopenawa Yanomami do Brasil. Com este prêmio dignificamos o engajamento do líder indígena que há anos luta pelo seu povo, ameaçado principalmente por garimpeiros, e luta também pela preservação de seu meio-ambiente na floresta amazônica.

O povo Yanomami, um dos últimos povos indígenas da América, vive há 3000 anos na região amazônica entre o Brasil e a Venezuela e hoje corre o perigo de ser exterminado. A concessão do prêmio não deve somente demonstrar a solidariedade pela luta de sobrevivência dos Yanomami mas, ao mesmo tempo, chamar a atenção, no 500º aniversário da descoberta da América, para uma das consequências

da invasão de culturas estranhas naquele continente.

Davi Kopenawa Yanomami recebeu pessoalmente o Prêmio de Solidariedade da Cidade de Bremen no dia 30 de abril de 1992 na Prefeitura de Bremen.

Der Senat der Freien Hansestadt Bremen hat in seiner Sitzung vom 10. November 1987 den Bremer Solidaritätspreis gestiftet.

Mit ihm soll der Einsatz von Personen oder Gruppen zur Überwindung der Ungerechtigkeit im Nord-Süd-Verhältnis und der Folgen von Kolonialismus und Rassismus gewürdigt werden. Mit diesem Preis bekundet der Senat seine Solidarität mit den Preisträgern und ihrer Arbeit.

O Senado da Cidade Livre Hanseática de Bremen, em sua sessão de 10 de novembro de 1987, criou o Prêmio de Solidariedade de Bremen.

Com esse prêmio deve ser reconhecido o esforço de pessoas ou grupos que tentam superar a injustiça na relação entre os países dos hemisférios norte e sul, como também as consequências do colonialismo e racismo. Através desse prêmio, o senado manifesta sua solidariedade aos premiados e seu trabalho.

Der Senat der Freien Hansestadt Bremen verleiht
dem Repräsentanten des Volkes der Yanomami
HERRN DAVI KOPENAWA YANOMAMI
für den Einsatz zugunsten seines bedrohten Volkes
und für die Erhaltung der Umwelt den
BREMER SOLIDARITÄTSPREIS 1992

Bremen, den 30. April 1992

Der Präsident des Senats

Bürgermeister Klaus Wedemeier

O Senado da Cidade Livre Hanseática
de Bremen concede ao representante
dos povos Yanomami,
SENHOR DAVI KOPENAWA YANOMAMI,
pelo esforço em benefício de seu povo
ameaçado e pela preservação
do meio-ambiente,
o **PRÊMIO DE SOLIDARIDADE DE
BREMEN 1992**

Bremen, 30 de abril de 1992
O Presidente do Senado
Prefeito Klaus Wedemeier

Rede von Bürgermeister Klaus Wedemeier, Präsident des Senats der Freien Hansestadt Bremen zur dritten Verleihung des Bremer Solidaritätspreises an Davi Kopenawa Yanomami am 30. April 1992

Mit der Verleihung des Bremer Solidaritätspreises an Davi Kopenawa Yanomami ehren wir einen Mann, der sich für die Rettung seines Volkes, die Yanomami, einsetzt.

Stellvertretend für alle indianischen Völker des lateinamerikanischen Kontinents erhebt er seine Stimme gegen Mord, Zerstörung und Entwürdigung. Gleichzeitig kämpft Davi Kopenawa für den Erhalt des Regenwaldes und leistet damit einen wichtigen Beitrag zur Bewahrung der Erde.

Die heutige Preisverleihung steht in einem besonderen Zusammenhang. Am 12. Oktober dieses Jahres jährt sich zum 500. Mal der Tag der sogenannten Entdeckung Amerikas.

Dieses Ereignisses wird auf unterschiedliche Weise gedacht. Die einen feiern die „Entdeckung der neuen Welt“, die „Begegnung der Kulturen“.

Die anderen trauern über Invasion, Völkermord und Unterdrückung.

Wir wissen, daß die Entdeckung in Wirklichkeit ein Eroberungsfeldzug war, in dessen Folge Millionen Menschen getötet und versklavt wurden, zahlreiche indianische Völker ausgerottet und ihre Kulturen mißachtet und zerstört wurden.

Indem wir mit der heutigen Feier das Volk der Yanomami

und ihren Sprecher, Davi Kopenawa, ehren, ergreifen wir Partei.

Wer sind die sogenannten „Indios“, die Ureinwohner des lateinamerikanischen Kontinents, deren Benennung als Indios oder Indianer von vielen als diskriminierend empfunden wird?

Als Christoph Columbus am 12. Oktober 1492 auf der Bahama-Insel Guanahani landete, hatten die Ureinwohner Amerikas schon eine lange und reiche Geschichte hinter sich. Die europäischen Eroberer stießen auf ein Mosaik unterschiedlichster Völker mit mehr als 2.000 Sprachen. Neben kleinen Stammesgesellschaften gab es Großreiche wie die der Majas, Azteken und Inkas.

Im Reich der Azteken lebten damals 20 Millionen Menschen, in Spanien und Portugal zusammen 4,5 Millionen. Das Reich der Inkas hatte etwas weniger Einwohner, erstreckte sich aber über eine Länge von mehr als 5.000 Kilometern, und seine Gesamtfläche war größer als diejenige des Römischen Reichs zur Zeit seiner größten Machtentfaltung.

Das auffallendste Merkmal der indianischen Kulturen war die Selbständigkeit der jeweiligen Gemeinschaft. Die Völker lebten vom Jagen, Fischen und Sammeln. Man züchtete Tiere und baute Pflanzen an, darunter Mais,

Maniok und Kartoffeln. Aus diesen Kulturen stammen Kakao, Tabak, Chinarinde, Pfeffer, Paprika, Avokado, Ananas und viele andere Früchte und Gewürze. Auch der Kautschuk wurde von den am Amazonas lebenden Indianerstämmen entdeckt. Sie stellten Keramik her, Korbwaren oder Stoffe; sie fertigten Waffen für den Fischfang und die Jagd.

Zur Zeit des Columbus lebten in Amerika circa 60 Millionen Menschen. 80 Jahre später waren es nur noch 8 bis 9 Millionen. Lateinamerikanische Wissenschaftler und Theologen sprechen daher vom „größten Völkermord der Menschheitsgeschichte“. Beteiligt an der Eroberung Lateinamerikas waren nicht nur die iberischen Nationen Spanien und Portugal.

Ihnen folgten bald Franzosen, Engländer, Niederländer und auch Deutsche. Das Morden und Unterdrücken der indianischen Bevölkerung dauert auch heute noch an, ebenso wie die Ausplünderung des ganzen Kontinents. Heute leben in Lateinamerika etwa 10 Millionen Indianer, davon in Brasilien ca. 200.000.

Das Volk der Yanomami, angesiedelt zwischen Brasilien und Venezuela, gehört mit rund 10.000 Menschen zur den größten Indianervölkern.

Ihm droht heute die Gefahr

der Ausrottung und Vernichtung. Der Kampf von Davi Kopenawa für sein bedrohtes Volk erinnert unmittelbar an die großen Stimmen des Widerstandes, die die 500jährige Unterdrückung der Ureinwohner Amerikas immer begleitet haben. Im August 1989 hat Davi Kopenawa eine Erklärung an die Völker der Erde gerichtet, aus der ich einige Passagen zitieren darf: „Die Regierung respektiert uns nicht. Sie betrachtet uns als Tiere. . . Ich bin Yanomami. Wir Yanomami haben gedacht, der weiße Mann sei etwas Gutes für uns. Nun sehe ich, daß es sich um die letzte Besetzung indianischen Landes handelt. . . Die Regierung weiß, daß wir die ältesten Brasilianer sind, daß wir hier geboren sind, . . . Doch sie kennt nur das Geschäft des Geldes. Unser Denken ist unser Land. Unser Interesse ist es, das Land zu bewahren, damit keine Krankheit entsteht für das brasilianische Volk, nicht nur für die Indios. . . Wir Yanomami sterben durch Krankheiten, die die Indios nicht kannten und die die Goldsucher von außen her eingeschleppt haben. . . Unsere Bräuche und Gewohnheiten sind besser als die der Weißen, denn wir erhalten die Flüsse, die Wasserwege, die Seen, die Berge, die Jagd, die Früchte. . . Wir

Yanomami wollen, daß das Gebirge respektiert wird, wir wollen nicht, daß es zerstört wird. Wir wollen, daß diese Orte erhalten werden, damit unsere Geschichte nicht endet und unsere Geister nicht verschwinden. . . Wir möchten, daß die Weißen diese alte Geschichte verstehen und sie respektieren. . .“ Die verzweifelte Anklage des Davi Kopenawa Yanomami entspringt der Erfahrung, daß sein Volk fremd geworden ist im eigenen Land, daß seine Geschichte ausgelöscht wird, daß es durch Krankheit und Tod zugrunde gerichtet wird. Die Yanomami gelten als eine der letzten intakten Stammesgesellschaften, und ihre weitgehend unabhängige Existenz, die ihre traditionelle soziale, wirtschaftliche und religiöse Struktur bewahrt, stieß auf das Interesse vieler Forscher. Die Yanomami haben eine Kultur und eine Weltansicht, die uns fremd erscheinen mag. Doch wir können von anderen Kulturen und Vorstellungen über das Gemeinschaftsleben nur lernen. Der Lebensraum der Yanomami ist der tropische Regenwald. Das Tempo seiner Zerstörung ist derart, daß schon in den nächsten Jahrzehnten der größte Teil des Waldes vernichtet sein wird. In dieser größten ökologischen Reserve der Welt haben die Yanomami seit Jahrhunderten gelebt, ohne

die Stabilität dieses Ökosystems zu gefährden. Sie leben von dem Wald, ohne ihn zu zerstören. Dieses Volk muß überleben. Dazu brauchen sie ihre kulturelle Identität und ihren Lebensraum. In diesen Lebensraum und in ihre Lebensweise wird aber seit ihrer Entdeckung in vielfältiger Weise eingegriffen: Nach den Ethnologen kamen die Missionare, dann die Händler und zuletzt die Goldsucher. Diese bis an die Zähne bewaffneten Abenteurer rotteten die Yanomami, die sich ihnen in den Weg stellten, rücksichtslos aus, plünderten die Plantagen und töteten das Wild. Zwar wurde vor kurzem in einer gemeinsamen Aktion von Heer, Luftwaffe, Bundes- und Militärpolizei versucht, die Goldsucher zu vertreiben, doch es scheint nur eine Frage der Zeit, wann sie zurückkehren. Inzwischen haben die Yanomami selbst den Kampf für ihr Recht zu überleben aufgenommen. In Davi Kopenawa haben sie eine Persönlichkeit gefunden, die ihr Anliegen weltweit artikuliert. Davi Kopenawa wurde vor 35 Jahren im Yanomami-Gebiet von Tootóto, im Staate Roraima geboren. Aufgrund seiner Tapferkeit gab man ihm später den Beinamen „Kopenawa“. 10 Jahre lang war er Dolmetscher für die Staatliche Indi-

aner-Schutzbehörde. In seinem Verantwortungsbereich lag auch die Aufgabe, Möglichkeiten zu finden, um Kontakte zwischen medizinischen Hilfstruppen und den Yanomami-Indianern zu erleichtern. Davi kämpft seit 1985 für die Gründung eines Yanomami-Parks, für die Festlegung der Grenzen jenes Gebietes, das sein Volk im äußersten Norden Brasiliens bewohnt. Im Jahre 1989 erhielt Davi Kopenawa von den Vereinten Nationen für seinen Kampf zur Rettung der Natur den Preis „Global 2000“, den zuvor als erster Brasilianer der im Dezember 1988 ermordete Umweltschützer Chico Mendes erhalten hatte. Ähnlich wie Chico Mendes erhält auch Davi Kopenawa immer wieder Morddrohungen. Das Engagement von Davi Kopenawa hat erste Früchte getragen: Im September 1991 hat der brasilianische Staatspräsident Collor de Melo verkündet, daß es keine Zerstückelung des Yanomami-Gebietes geben wird. Wir wissen, daß nur durch öffentlichen Druck diese Ankündigung politisch wirksam bleibt. Und wir wollen Davi Kopenawa dabei mit all unseren Kräften unterstützen. Mit dem Bremer Solidaritätspreis versuchen Bürgerschaft und Senat, einen kleinen Beitrag zur Überwindung des

Nord-Süd-Konfliktes zu leisten. Er soll eine Hilfe sein im Prozeß der Befreiung von den Folgen kolonialer Ausbeutung und Rassismus. Dabei geht es uns nicht nur um eine Ermutigung und Auszeichnung derer, die oft unter schweren persönlichen Opfern diesen Befreiungskampf führen, es geht auch um unsere Zukunft. Diese hängt entscheidend von einer neuen „Weltinnenpolitik“ ab, die die ungerechten Weltwirtschaftsstrukturen beseitigt und alles tut, um die ökologischen Gefährdungen abzuwenden. Die Staaten der Erde bereiten sich gegenwärtig auf die Weltkonferenz der Vereinten Nationen über Umwelt und Entwicklung vor, die im Juni in Rio stattfinden wird. Es geht dort um die Bewahrung der Erde, um das Überleben der Menschheit. Auf der Tagesordnung der Weltkonferenz stehen die Vergiftung von Wasser, Luft und Böden, die Zerstörung der Ozonschicht, der Treibhauseffekt mit den Folgen der Klimaänderung; die Vernichtung des Regenwaldes im Süden und das Waldsterben im Norden; das Ausrotten und Aussterben von Tieren und Pflanzen; die Gefahr der radioaktiven Verseuchung; die Ausplünderung der Erdvorräte; die steigende Abfallbelastung der Meere, die wachsende Verschmutzung

des Weltraums. Themen sind auch die Folgen der Armut: die dramatisch ansteigende Bevölkerung; der Hungertod von Millionen; die Flüchtlingsströme. Über eine Milliarde Menschen in den Entwicklungsländern „leben“ bereits unter der absoluten Armutsgrenze. Unser westliches Gesellschaftsmodell, die sogenannte „Erste Welt“, leitet sich einen Lebensstil, der auf der Ausbeutung der Rohstoffe und der Natur basiert, der eine ungeheure Verschwendung von unwiederbringlichen Ressourcen bedeutet. Und all jene, die in den Entwicklungsländern die politische und ökonomische Macht besitzen, sehen in unserem Wirtschaftsmodell ihr Vorbild, dem sie nachstreben. Doch dieses Modell kann nicht auf die ganze Menschheit übertragen werden. Im Gegenteil! Auch in den westlichen Ländern wächst die Erkenntnis, daß die moderne Industriegesellschaft nicht nur die eigenen Lebensgrundlagen bedroht, sondern Armut und Elend in der Dritten Welt verstärkt. Es wird nicht genügen, wenn auf der Konferenz in Rio Abkommen zum Schutz der Umwelt unterzeichnet werden. Notwendig vor allem ist eine neue Bewußtseinsbildung über die tatsächlichen Bedro-

hungen für die Erde und die Menschheit. Und es wächst die Einsicht, daß neue Wege beschritten werden müssen, um das Überleben zu sichern. Nur wenn Lebenschancen im Süden entwickelt werden, können die Menschen dort ihre Existenz aufbauen und sind nicht gezwungen, sich auf die Inseln der Reichen zu retten. Nur wenn der reiche Mann begreift, daß eine gemeinsame ökologisch verantwortliche und gerechte Entwicklungsstrategie für alle die Voraussetzung ist für Umweltschutz und Frieden, besteht noch Hoffnung. Nur wenn die jeweils betroffene Bevölkerung an der Entwicklung und Gestaltung ihrer Zukunft aktiv mitwirken kann, werden die Menschen in Nord, Süd und Ost eine gemeinsame Perspektive haben. Die gegenwärtige Lähmung und Ohnmacht gegenüber den gewaltigen Herausforderungen muß überwunden werden. Bei allem Verständnis für die schwierige Lage in Mittel- und Osteuropa und die ökonomische Vollendung des EG-Binnenmarktes dürfen wir die gesamte Weltlage nicht aus dem Auge verlieren. Die sogenannte Dritte Welt darf nicht zum Fußabtreter im Konkurrenzkampf der Giganten USA, EG und Japan werden. Die deutsch-

indische Konferenz, die zu Beginn dieses Monats in Bremen nach alternativen Entwicklungswegen suchte, hatte sich als Motto ein Wort von Mahatma Gandhi gewählt:

„Die Erde bietet genug für alle, aber nicht genug für die Gier von wenigen.“

Nach dieser Erkenntnis zu leben, fällt uns offensichtlich schwer. Einerseits wollen wir uns mit den Opfern des Unrechts solidarisieren, andererseits leben wir in Verhältnissen, die uns privilegieren und es uns schwer machen, mit Veränderungen bei uns selbst anzufangen. Wir haben vor kurzem in Deutschland erlebt, wie sich eine Mauer geöffnet hat. Jene Mauer aber, die die arme Welt von der reichen trennt, ist heute so hoch wie nie zuvor. Und sie wird täglich höher. Der Süden bezahlt seit Jahren mehr Geld für seine Schulden an den Norden, als er Hilfe vom Norden erhält. Gleichzeitig sind die Rohstoffpreise dramatisch gesunken. Die Folgen sind katastrophal. Immer mehr Länder müssen mehr als die Hälfte ihrer Exporterlöse für ihre Schuldentilgung verwenden. Dies zwingt diese Länder zum Verzicht auf Investitionen, die dringend notwendig wären, und zum Verzicht auf



Importe. Dringend und rasch müssen Lösungen gefunden werden, die bei den 20 Prozent der Weltbevölkerung beginnen, die für sich 80 Prozent des Weltreichtums beanspruchen. Wir leben auf einem Kontinent, der sich vor 500 Jahren zur Ersten Welt entwickelt hat und der den Ländern des Südens nie die Chance gegeben hat, über das eigene Schicksal zu entscheiden, noch an der Entwicklung und dem Wohlstand unserer Länder teilzunehmen. Der Süden erwartet

deshalb, daß Europa zu einem fairen Partner des Ausgleichs, der Solidarität und der Vernunft wird bei der Suche nach gemeinsamen Überlebensstrategien. Eine globale, soziale und dauerhafte Entwicklungsstrategie werden wir ohne die Partner im Süden nicht entwickeln können. Die Werte anderer Kulturen, die Begegnung mit Menschen anderer Wertvorstellungen, die Erfahrung des indianischen Lebens im Frieden mit der Natur sind Anstöße zur

Umkehr bei uns. Wir haben viel von den Trägern des Bremer Solidaritätspreises gelernt. Und wir haben verstanden, daß ihr Einsatz zugleich einen Spiegel für uns selbst darstellt. Ich danke dem Beirat des Bremer Solidaritätspreises für seine Arbeit und die Vorbereitung dieser Feierstunde.

Ich danke Davi Kopenawa Yanomami dafür, daß er zu uns gekommen ist, um unseren Preis anzunehmen. Er hilft mit seinem Engagement nicht nur seinem Volk, sondern auch uns.

Klaus Wedemeier (im Bild rechts) überreicht Davi Kopenawa Yanomami den Bremer Solidaritätspreis

Prefeito Klaus Wedemeier (ao lado direito na foto) entrega o Prêmio de Solidariedade de Bremen a Davi Kopenawa Yanomami

Discurso do Prefeito e Presidente do Senado da Cidade Livre Hanseática de Bremen, Senhor Klaus Wedemeier, por ocasião da terceira concessão do Prêmio de Solidariedade da Cidade de Bremen a Davi Kopenawa Yanomami no dia 30 de abril de 1992

Por meio da concessão do Prêmio de Solidariedade de Bremen a Davi Kopenawa Yanomami prestamos homenagem a um homem que luta pela salvação de seu povo, os Yanomami.

Representando todos os povos indígenas do continente latino-americano, ele levanta a sua voz contra o homicídio, a destruição e a degradação. Ao mesmo tempo, Davi Kopenawa Yanomami luta pela preservação da floresta tropical, contribuindo assim para a preservação do planeta.

A entrega atual desse prêmio acontece num contexto histórico especial. No dia 12 de outubro deste ano comemora-se o 500º aniversário do chamado descobrimento da América. Esse acontecimento é encarado de formas diferentes. Alguns comemoram o “descobrimento do novo mundo”, o “encontro de culturas diferentes”.

Outros choram pela invasão, pelo extermínio dos povos e pela opressão.

Nós sabemos que o descobrimento, na realidade, foi uma invasão com consequências terríveis: milhões de pessoas foram mortas ou escravizadas, numerosos povos indígenas foram exterminados e suas culturas foram desprezadas e destruídas. Condecorando, com o ato festivo de hoje, o povo Yanomami e a

sua voz, Davi Kopenawa, tomamos partido de sua luta. Quem são os assim chamados “Índios”, os povos indígenas do continente latino-americano? Muitas pessoas encaram a denominação “índios” como discriminatória. Quando Cristóvão Colombo aterrou no dia 12 de outubro de 1492 na ilha de Guanahani, nas Bahamas, os primeiros povoadores da América já tinham uma história longa e rica. Os conquistadores europeus encontraram um mosaico com os mais diferentes povos com mais de 2.000 línguas. Além dos povos indígenas havia grandes impérios como os Maias, os Astecas e os Incas. No reino dos Astecas viviam, naquela época, 20 milhões de pessoas e na Espanha e em Portugal juntos, um total de 4,5 milhões. O reino dos Incas tinha menos habitantes mas espalhava-se numa extensão de 5.000 quilômetros. A sua área total era bem maior do que a do império romano na época de seu maior apogeu. A característica mais marcante das culturas indígenas era a autonomia de cada povo. Os povos viviam da caça, pesca e colheita de plantas e frutas.

Eles criavam animais e plantavam milho, mandioca e batata. O cultivo de cacão, tabaco, quina, pimenta, abacate, abacaxi e muitos outros

temperos e frutas descende destes povos. A borracha também foi descoberta por tribos que habitavam a região amazônica. Elas produziam cerâmica, cestos, tecidos e armas para a pesca e a caça. Na época de Colombo, viviam cerca de 60 milhões de pessoas na América; oitenta anos depois apenas 8 a 9 milhões. Segundo cientistas e teólogos latino-americanos este foi o maior genocídio da história da humanidade. Não somente as duas nações ibéricas, Espanha e Portugal, participaram da conquista da América Latina. Elas logo foram seguidas pelos franceses, ingleses, holandeses e também alemães.

O homicídio e a opressão dos povos indígenas continua ainda hoje, bem como a pilhagem do continente inteiro. Hoje vivem cerca de 10 milhões de índios na América Latina, dos quais 200.000 no Brasil. O povo Yanomami, que vive entre o Brasil e a Venezuela, com aproximadamente 10.000 pessoas, consta entre os maiores povos indígenas.

Hoje está ameaçado de extermínio. A luta de Davi Kopenawa pelo seu povo ameaçado lembra-nos das grandes vozes da resistência dos povos indígenas americanos nos 500 anos de opressão. Em agosto de 1989 Davi Kopenawa publicou uma

declaração aos povos do mundo e eu gostaria de citar algumas passagens: "O nosso governo não nos respeita. Ele nos considera como animais. Sou Yanomami. Nós Yanomami pensávamos que os brancos fossem algo de bom para nós. Eu vejo agora que se trata da última ocupação da terra indígena. O governo sabe que nós somos os brasileiros mais velhos, que nós nascemos aqui... Mas o governo só conhece o negócio do dinheiro. Nosso pensamento é a nossa terra. Nosso interesse é preservar a terra para que nenhuma doença aconteça para o povo brasileiro, não apenas para os índios... Nós Yanomami morremos de doenças que os índios não conheciam, doenças que os garimpeiros trouxeram de lá de fora. Nossos usos e costumes são melhores que os dos brancos porque nós conservamos os rios, os lagos, as montanhas, a caça, as frutas... Nós Yanomami queremos que as montanhas sejam respeitadas, não queremos que elas sejam destruídas. Queremos que esses lugares sejam preservados para que nossa história não termine e nossos espíritos não desapareçam. Queremos que os brancos entendam e respeitem nossa história." A denúncia desesperada de Davi Kopenawa tem origem na experiência

de que seu povo se tornou estranho na sua própria terra. Ele receia que doenças e morte provoquem o desaparecimento da história de seu povo. Os Yanomami são um dos últimos povos indígenas ainda intactos, e sua existência independente que preservou a estrutura social, religiosa e econômica atraiu o interesse de muitos cientistas. Os Yanomami têm uma cultura e uma visão do mundo que podem nos parecer estranhas. No entanto, através de outras culturas e formas de vida em comunidade, nós só podemos aprender. O espaço vital dos Yanomami é a floresta tropical. A velocidade de sua destruição é tamanha que a maior parte desta floresta estará destruída já dentro das próximas décadas. Nesta maior reserva ecológica do mundo vivem há séculos os Yanomami, sem colocar em perigo a estabilidade desse ecossistema. Eles vivem da floresta sem destruí-la. Esse povo tem que sobreviver. Para isso eles precisam de sua identidade cultural e sua terra. Mas desde o seu descobrimento eles foram desrespeitados de formas diversas no seu modo de viver. Depois dos etnólogos vieram os missionários, os negociantes e, por último, os garimpeiros. Estes aventureiros, armados até os dentes, mataram os Yanomami que

se punham em seu caminho, saquearam as plantações e mataram os animais. Há pouco tempo, uma ação comum entre o exército, força aérea e polícia militar e federal tentou expulsá-los da terra Yanomami, mas sua volta parece ser apenas uma questão de tempo. Enquanto isso, os próprios Yanomami começaram a lutar por seu direito de sobreviver. Em Davi Kopenawa eles encontraram uma personalidade que expressa seus desejos para o mundo todo. Davi Kopenawa nasceu, há 35 anos, na área Yanomami de Tootóobi, no estado de Roraima. Devido a sua coragem, ele recebeu o nome "Kopenawa". Durante 10 anos ele foi intérprete da Fundação Nacional dos Índios. Dentre as suas atribuições ele tinha também a tarefa de encontrar possibilidades de facilitar o contato entre equipes médicas e os índios Yanomami. Desde 1985 Davi luta pela criação do Parque Nacional dos Yanomami e pela demarcação da área Yanomami no norte do Brasil. Em 1989 Davi Kopenawa recebeu o prêmio "Global 2000" da Organização das Nações Unidas por sua luta pela preservação da natureza. O primeiro brasileiro a receber este prêmio foi o defensor do meio-ambiente Chico Mendes, assassinado em dezembro de 1988. Assim como Chico Mendes, Davi

Kopenawa também recebeu sempre ameaças de morte. O engajamento de Davi Kopenawa já deu os primeiros frutos: em setembro de 1991 o presidente do Brasil Collor de Melo comunicou que não haverá divisão da área Yanomami. Sabemos que isso só se concretizará através de pressão pública. E nós queremos apoiar Davi Kopenawa com todas as nossas forças. Com o Prêmio de Solidariedade, a Câmara de Deputados e o Senado tentam dar uma pequena contribuição para vencer o conflito norte-sul. Este prêmio deve representar uma ajuda no processo de libertação das consequências causadas pela opressão colonialista e racismo. Com isso, não apenas condecoramos aqueles que, com muito sofrimento, lideram essa luta de libertação, mas pensamos também no nosso futuro. Ele depende de uma nova "política interna do mundo" que derrote a injustiça das estruturas econômicas mundiais e que tudo faça para impedir os riscos ecológicos. Os países do mundo inteiro estão agora se preparando para a conferência mundial das Nações Unidas sobre meio-ambiente e desenvolvimento que se realizará em junho deste ano no Rio de Janeiro. O tema dessa reunião será a preservação do planeta, a sobrevivência

da humanidade. Os temas principais da conferência são a poluição da água, ar e solo, a destruição da camada de ozônio, o efeito estufa e suas consequências na mudança do clima; a destruição da floresta tropical no sul e a morte das florestas no norte; a extinção de plantas e animais; o perigo da contaminação radioativa; a pilhagem das reservas naturais do planeta e a poluição crescente dos mares e do espaço. Temas são também as consequências causadas pela pobreza: o crescimento dramático da população; a morte de milhões de pessoas causada pela fome; a massa de refugiados. Mais de um bilhão de pessoas nos países subdesenvolvidos "vivem" já abaixo do limite absoluto de pobreza. Nosso modelo de sociedade, o chamado "primeiro mundo", tem um estilo de vida baseado na exploração da matéria-prima e da natureza, que representa um desperdício brutal de reservas não renováveis. Todos aqueles que possuem poder político e econômico nos países subdesenvolvidos consideram nosso modelo econômico como um exemplo a ser seguido. No entanto, esse modelo não pode ser seguido por toda a humanidade. Muito pelo contrário! Também nos países ocidentais cresce o reco-

nhecimento de que a sociedade industrial moderna não somente ameaça os princípios fundamentais da vida como também aumenta a pobreza e a miséria no Terceiro Mundo. Não basta, na Conferência no Rio de Janeiro, a assinatura de um contrato para a proteção do meio-ambiente. Será sobretudo necessário a criação de uma nova consciência sobre as reais ameaças ao planeta e à humanidade. E cresce a idéia de que novos caminhos devem ser seguidos a fim de assegurar a sobrevivência. Somente quando as oportunidades de vida para os povos do hemisfério sul forem desenvolvidas, eles poderão construir sua existência lá e não serão mais obrigados a procurar a salvação nas ilhas dos ricos. Apenas quando o homem rico compreender que a criação de uma estratégia de desenvolvimento, ecologicamente responsável e justa para todos é a condição "sine qua non" para a preservação ambiental e a paz, haverá esperança. Somente quando os povos em questão puderem participar ativamente do desenvolvimento e formação de seu futuro, as pessoas do norte, leste e sul poderão ter uma perspectiva em comum. A paralisação e a impotência atuais diante dos gigantescos desafios devem ser supera-

das. Apesar da difícil situação na Europa Central e Oriental e do trabalho de aperfeiçoamento econômico do Mercado Comum Europeu não podemos perder de vista a situação mundial. O chamado Terceiro Mundo não deve se tornar um capacho na concorrência entre os gigantes Estados Unidos, Comunidade Comum Europeia e Japão. A Conferência Indo-Alemã, realizada no início deste mês em Bremen e que procurou caminhos alternativos de desenvolvimento, escolheu uma frase de Mahatma Gandhi como lema: "A terra tem o bastante para todos, mas não tem o bastante para o egoísmo de alguns." Viver de acordo com essas palavras é visivelmente difícil para nós. Por um lado, queremos nos solidarizar com as vítimas da injustiça; por outro vivemos sob condições privilegiadas e achamos difícil começar com as mudanças em nós mesmos. Há pouco tempo, na Alemanha, assistimos a queda de um muro. Entretanto, aqueles muros que separam o mundo rico do pobre estão mais altos do que nunca. E tornam-se mais altos todo dia. O Sul, há anos, paga mais dinheiro de suas dívidas ao Norte do que recebe do Norte em forma de ajuda de desenvolvimento. Ao mesmo tempo, os preços da

matéria-prima baixaram drasticamente. As consequências disso são catastróficas. Cada vez mais países têm que empregar mais do que a metade do lucro de exportação para o pagamento da dívida externa. Dessa forma, esses países são obrigados a abrir mão de investimentos extremamente necessários e desistir da importação. Soluções têm que ser encontradas com urgência, começando com os 20% da população mundial que consomem 80% da riqueza do mundo. Vivemos em um continente que, há 500 anos, tornou-se o primeiro mundo e que nunca deu aos países do sul a chance de decidirem sobre seus próprios destinos ou de participarem do desenvolvimento e da prosperidade do norte. O sul espera, por isso, que a Europa se torne um parceiro justo do equilíbrio, da solidariedade e da razão na busca conjunta de estratégias de sobrevivência. Sem os parceiros do sul não poderemos desenvolver uma estratégia de desenvolvimento global e social durável. Os valores de outras culturas, o encontro com pessoas com outra visão de mundo, a experiência da vida indígena em paz com a natureza são estímulos para uma mudança em nós. Aprendemos muito com aqueles que já receberam o

Prêmio de Solidariedade de Bremen. E compreendemos que seus esforços representam um espelho que nos mostra a nossa própria imagem. Agradeço ao conselho do Prêmio de Solidariedade por seu trabalho e pela preparação desta hora festiva. Agradeço a Davi Kopenawa Yanomami pela sua presença e pela aceitação de nosso prêmio. Com o seu engajamento, ele ajuda não apenas seu povo mas todos nós.



Foto: Jürgen Escher

Rede des Preisträgers und
Repräsentanten der
Yanomami, Davi Kopenawa
Yanomami

„Guten Abend.

...*

Gesprochen habe ich gerade in unserer Sprache. Ich habe in unserer Sprache, in Yanomami gesprochen. Um meine eigene Sprache nicht zu vergessen, um sie zu bewahren, die alten Sprachen. Dann bedanke ich mich sehr, hier in diesem Haus, für die freundliche Aufnahme bei Euch. Ich bin sehr glücklich und zufrieden.

Wir Yanomami leben sehr weit entfernt, auf der anderen Seite des Ozeans; aber ich mußte kommen, um die Nachricht von der Not unseres Volkes zu bringen.

Im Anfang lebten wir Yanomami getrennt und entfernt von den Weißen. Aber später nahm die Zahl der Weißen zu und zwar so sehr, daß sie schließlich in Brasilien, unserem Land einfielen. Deshalb drangen auch die Goldgräber in unser Reservat ein.

Das Goldgräber-Problem ist alt. Das Problem ist das Goldsuchen, das den Reichtum aus der Erde der Ureinwohner ziehen soll. Das Volk der Yanomami braucht eigenes Land, geschützt und garantiert durch die brasilianische Regierung. Mein Volk Yanomami, es ist mein Volk, ein ganz altes Volk.

Im Anfang gab es keine Goldgräber. Mein Volk war

glücklich und gesund. Alle arbeiteten zusammen füreinander, man feierte Feste und ging zur Jagd. Es war ein freies Leben. Aber heute nicht mehr. Heute ist unser Leben bestimmt durch die Probleme der Weißen. Nachdem wir uns gemeinsam entschlossen hatten, uns den Mut genommen hatten, kämpfte ich nun für das Überleben meines Volkes. Wir wollen leben, in Frieden leben.

Unsere Gemeinschaft braucht den Wald, den Wald. Denn es ist der Wald, der uns hilft.

Der Wald gibt den Yanomami Energie und auch Euch.

1986/87 sind ungefähr 40.000 Goldgräber in unserem Reservat eingefallen. Wir zählten nur 9.000 Yanomami in Brasilien. Ich entschied mich, gegen die Goldgräber zu kämpfen, gegen die Invasion, damit die Yanomami nicht an den Krankheiten sterben, damit die Yanomami nicht an den Schüssen aus den Gewehren sterben.

Es waren sehr viele Goldgräber. Sie haben sich überall breit gemacht. Und überall haben sie illegal Landepisten für ihre Flugzeuge in den Urwald geschnitten. Es war sehr schwierig, aber ich habe versucht, mit den brasilianischen Behörden zu sprechen, aber es war sehr schwierig.

Und wir Yanomami, Ureinwohner der ganzen Welt, haben uns gedreht und uns in Bewegung gesetzt, um unser Volk zu verteidigen. Wir haben eine Versammlung in Brasilia organisiert, in der Nähe von unserer brasilianischen Regierung und wir haben Krach geschlagen, damit sie irgendetwas unternehmen würden. Sie wollten nichts tun. Aber wir haben daran gearbeitet, sodaß sie nachdenken mußten und schließlich die Goldgräber aus dem Reservat der Yanomami entfernen.

Unser Fluß, der durch das Reservat fließt, besteht aus drei wichtigen Flüssen für die Fische und für die Ernährung der Yanomami. Und der Fluß war verschmutzt vom Quecksilber, vom Schlamm und vom Öl der Goldgräber. Zudem haben die Goldgräber die Yanomami getäuscht und betrogen. Die Yanomami sprachen kein Portugiesisch. Wir haben eine andere Sprache. Die Goldgräber kamen in die Gemeinschaften und boten uns Essen an. Das waren oft nur Essensreste. Sie wollten mein Volk täuschen.

Die Goldgräber profitierten von unserer Gemeinschaft. Sie bedienten sich in unseren Maniokpflanzungen, aßen "Macaxeira"¹ und Bananen, unsere Nahrungsmittel aus dem Wald. Danach wurden

* Rede in der Sprache der Yanomami

¹Bezeichnung eines Knollengemüses.



wir Yanomami krank; alles wurde schwierig. Wir begannen zu sterben, an Malaria und an Grippe, da wir keine Abwehrkräfte gegen diese Krankheiten haben. Außerdem kamen die Goldgräber ohne Frauen. Sie haben sich auch unserer Frauen bedient. Sie brachten Alkohol mit und nutzten dann die Situation aus. Dies alles passierte zur Regierungszeit von Jose Sarney. Später trat Präsident Collor an die Stelle von Sarney. Er hatte nicht die Absicht etwas zu ändern, bis

der politische Druck aus Europa und ganz Brasilien so zunahm, daß es eng wurde für die Regierung und er schließlich versprach, die Goldgräber von Indianerland zu vertreiben und die Landesgrenzen des Indianer-Reservates festzuschreiben und abzustecken. Nun, jetzt hat die Umweltkommission der UNO, Vereinigte Staaten, geholfen. Sie haben sich an Collor gewandt, da er ja der Präsident in Brasilia ist und so begann er endlich die Goldgräber zu vertreiben. Die

Situation besserte sich. Und wie er versprochen hatte, wurden die Grenzen unseres Landes festgeschrieben. Er arbeitet mit und es ist viel besser geworden. Aber meine Sorgen bleiben, da uns die Krankheiten weiter das Leben schwer machen (Malaria, Tuberkulose und viele andere). Noch immer sind die Flüsse verseucht und das ganze Yanomami-Reservat ist verwüstet. Und deshalb kann ich nicht sagen, daß ich zufrieden wäre, denn die Verschmutzung ist geblieben. Die Goldgräber

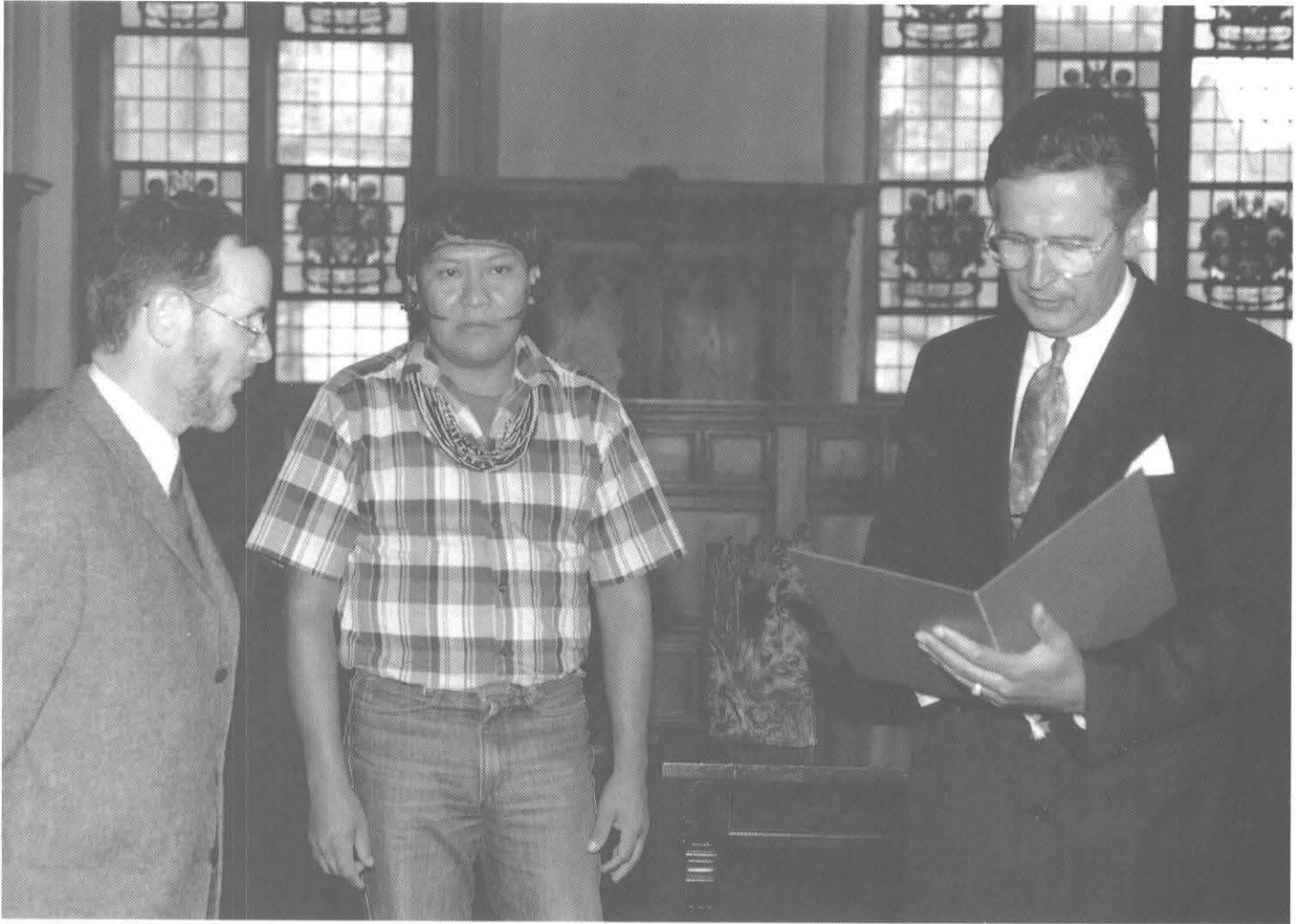
sind jetzt weg. Aber ihre Krankheiten blieben. Diese Zerstörung des Regenwaldes in Amazonien ist nicht meine Schuld. Es ist die Schuld der Regierungen der ganzen Welt. Jetzt ist notwendig, bitte, daß sie ihr eigenes Problem lösen, ihr Problem, das sie in unserem Land hinterlassen haben. So sollen dieselben Regierungen dafür sorgen, daß die Verschmutzung behoben und die Krankheiten geheilt werden. Das möchte ich deshalb, da nicht etwa ich mein Volk ange-

steckt habe, sondern die brasilianische Regierung und die Regierungen der ganzen Welt dafür die Verantwortung tragen. Es ist nicht allein das Problem der brasilianischen Regierung, die Schuld trifft auch Europa, die Vereinigten Staaten und andere Länder. Nun gut, wir alle kennen inzwischen sehr gut das Problem der Invasion ins Indianerreservat, der Verwüstung des Landes und der Zerstörung des Regenwaldes. Ich bin nun hier in diesem Hause, im Rahmen der Verleihung dieses Preises, und ich möchte Euch sagen, daß ich Eure Hilfe brauche, Eure Unterstützung, Unterstützung für unser Gesundheitsprojekt, an dem ich arbeite. Wir brauchen Eure Hilfe für dieses Projekt, damit Ärzte, Krankenschwestern und Zahnärzte im Reservat arbeiten können. Man kann die Gesundheitsprobleme nur lösen mit Geld, um die Medikamente und das medizinische Gerät zu bezahlen, damit Arzt und Krankenschwester arbeiten können, den Yanomami helfen. Wir Yanomami wissen nicht, wie man Geld herstellt. Ihr seid es, die das Geld herstellen. Ihr habt das Geld erfunden, also gebt den Yanomami Unterstützung, damit Ärzte arbeiten können und Flüge bezahlt werden. Aber ich sage ganz klar, daß ich das Geld nicht für mich,

sondern für das ganze Yanomami-Volk brauche, damit alles wieder gut wird. Ihr solltet auch bedenken: es mag wohl viele Menschen geben, die einen klaren Kopf haben, aber es gibt auch viele Wirrköpfe mit einem schmutzigen Geist. Ich will, daß Ihr mit uns lernt. Wir Indianer, Ureinwohner Brasiliens, brauchen nirgends einzufallen, zu zerstören oder den Wald zu vernichten. Es ist nicht nötig. Ich möchte, daß Ihr das von uns lernt. Zum Beispiel hier (auf das Interieur des oberen Rathaussaales deutend), all dies, die Türen, das Material, das Holz hier, das nennt Ihr „Umwelt“. Erst habt Ihr alles umgehauen und jetzt steht es hier. Ich für meinen Teil werde keine derartige „Umwelt“ brauchen. Ich bin Umwelt. Und ich will die Umwelt intakt und ganz. Es gibt sehr viele Leute, die daran interessiert sind, Holz zu schlagen; es gibt sehr viele, die den Reichtum Amazoniens ausbeuten wollen. Aber in meiner Zeit werde ich fortfahren in meinem Kampf, bis er gewonnen ist. Vom Regenwald in Amazonien weiß jeder, da alle daran interessiert sind. Hier in Eurem Land gibt es keinen Wald mehr, da schon alles abgesägt wurde. Hier gibt es nichts mehr, und nun

beüben sie unseren Wald. Also, wer etwas will und darüber nachdenkt, wie er es machen will, muß sich mit „Omamë“ (Yanomami: Schöpfer der Welt) unterhalten. Er muß sich mit „Xabori“ (Yanomami: Der Geist der Natur) unterhalten. Dieser tropische Regenwald ist die Lunge der Welt, die Lunge des Waldes. Wenn Ihr Hand anlegt, alles absägt, die Erde ausbeutet, Bodenschätze hebt, nach Gold grabt; dann stirbt das Herz des Waldes, und dann gibt es keinen Wald mehr, dann gibt es nur noch das hier. Nun gut, ich rede sehr viel, weil die Weißen immer nach der Uhr sprechen. Von mir aus würde ich gern mehr erklären. Ich möchte Euch noch sagen: Redet mit Euren Enkelkindern! Lehrt Eure Enkelkinder, die Natur zu verteidigen! Sie sollen an die Zukunft denken, Zukunft deshalb, weil sie das Leben der Welt bedeutet. Die Zukunft für uns Yanomami habt Ihr gehört, als ich zu Beginn in Yanomami gesprochen habe. Laßt nicht zu, Ihr Regierungen der Welt, daß alle Yanomami umkommen. Denn die Yanomami sind es, die den Himmel stützen, und sie schützen die ganze Welt. Ich bin auch Schüler des „Xabori“, ich arbeite mit dem „Xabori“, um die Welt im Ganzen kennenzulernen,

um kennenzulernen, was auf dem Boden ist, die Teile der Welt und dort oben. Das was ich hier vortrage, ist keine Religion. Unser „Xabori“ stammt von „Omamë“. Es ist sehr alt, ohne Bücher, ohne Papier und ohne, daß etwas aufgeschrieben wurde, nur hier im Kopf eingeschrieben. Wir Yanomami haben kein Papier und keine Politiker, nur Gedanken. Also, ich erkläre Euch das, damit Ihr darüber nachsinnt, was wirklich gut ist, damit wir den Weg finden, der am korrektesten ist. Wenn Ihr weiter den Weg des Politikers geht, wird sich nichts ändern. Man muß einen anderen Weg suchen, den Weg der Gedanken der Yanomami, die Gedanken des „Xabori“, die Gedanken der Ureinwohner in der ganzen Welt. Dann wird unser Weg viel freier. Wir Indianer haben kein Interesse daran, alle diese Häuser zu bauen. Es ist unwichtig, all die Dinge zu benutzen, die es in dieser Stadt gibt, unwichtig. Wir müssen uns um den Schutz der Natur bemühen. Die Natur war unser Vater. Die Flüsse, aus denen wir trinken, die Muttermilch, die ich trank, als ich klein war, und das Wasser repräsentiert unsere Mutter. Ich möchte Euch noch einmal ganz klar sagen, daß die Probleme weiter bestehen.



Die Krankheiten sind geblieben. Ihr denkt vielleicht, Präsident Collor hat schon alles geregelt. Aber die Feinde der Indianer hören nicht auf. Sie kämpfen und versuchen, wieder zurückzukommen. Deshalb möchte ich, daß Ihr ein Auge auf uns habt, auf mein Volk Yanomami. Ich möchte, daß Ihr uns nicht vergeßt.

Nun, wir Yanomami, wir „Xabori“ vertrauen in Eure Kräfte. Ihr habt die Stimme erhoben, Zeitungen gedruckt, Nachrichten verbreitet und Briefe geschrie-

ben und so Präsident Collor zum Handeln gezwungen. Diese Eure Hilfe hat geholfen, die Goldgräber zu vertreiben und die Grenzen unseres Landes festzuschreiben. Das ist es, was geholfen hat.

Also, hiermit meinen ganz herzlichen Dank an Euch“

Discurso do premiado representante dos Yanomami, Davi Kopenawa Yanomami

"Boa tarde.

...*

Mas eu falei a nossa língua. Eu falei a nossa língua Yanomami. Essa a minha língua Yanomami, para não esquecer, para proteger a minha própria, as línguas antigas. Então eu vou agradecer muito, nessa casa, vendo a minha, a aceitar a acolhida de vocês. Eu estou muito feliz e satisfeito.

Nós Yanomami somos muito longe, outro lado do mar, mas eu precisa vim aqui para trazer a notícia que o povo, problema do Yanomami. Nós Yanomami, primeiro, nós éramos afastados dos brancos, depois os brancos cresceram, cresceram muito, aí eles foram invadir o nosso Brasil. É por isso, os garimpeiros que invadiram a minha reserva.

Esse problema do garimpeiro é antigo. Hoje existe problema, pesquisa de ouro para tirar riqueza da terra do povo indígena. O povo Yanomami precisa as suas terras próprias, resolvido, o governo brasileiro. Meu povo Yanomami, é meu povo, um povo antigo.

Primeiro não tinha garimpeiro, o meu povo era feliz, trabalhava com própria, com comunidade dele, fazia festa e caçava, era toda vida livre. Mas hoje não, hoje nós estamos atrapalhados para o problema dos brancos.

Então a minha, a luta decidiu, a comunidade criou coragem para defender a própria comunidade porque comunidade precisa viver, viver em paz, porque comunidade eles precisam, porque a floresta, floresta, a floresta que ajuda a gente, a floresta que dá energia para os Yanomami e para vocês também.

Oitenta e seis, oitenta e sete, garimpeiro entrou na nossa reserva, aproximadamente número dos garimpeiros, quarenta mil garimpeiros invadiu a minha reserva. Nós éramos só nove mil Yanomami no Brasil. Eu decidi lutar contra garimpeiro, contra a invasão, para não deixar matar, não deixar morrer Yanomami de doença e não deixar morrer Yanomami de tiro com arma de fogo.

A garimpeiro era muito, espalhado, fizeram pista clandestina. É difícil, mas eu tentei conversar com autoridade, o brasileiro, mas era muito difícil. E nós Yanomami, povo indígena do mundo inteiro se virou, se mexeu para defender o meu povo Yanomami. Nós fizemos a reunião em Brasília, perto do, do nosso governo brasileiro, mas nós fizemos barulho para ele fazer alguma coisa, mas ele não queria fazer, mas nós fizemos trabalho para ele pensar, resolver tirar os garim-

peiros na reserva dos Yanomami.

O nosso rio que passa na reserva era três rios importantes para os peixes e para o povo Yanomami comer e o rio ficou sujo de mercúrio, de lama e de óleo. Os garimpeiros foram, enganaram o meu povo Yanomami porque Yanomami não sabia falar português, porque a nossa língua é diferente e garimpeiro chegando na comunidade oferecendo comida, oferecendo resto de comida, então garimpeiro quis enganar meu povo.

Os garimpeiros usaram nossa comunidade, o roçado, comeram macaxeira, banana, a nossa alimentação da floresta e depois nós Yanomami começamos ficar doente e começamos ficar, não dá, é muita dificuldade, começa de morrer de malária porque nós não temos resistência de, contra a doença. E também os garimpeiros entram sem mulher, eles também usaram a nossa mulher e estavam alcoólicos, depois eles aproveitaram.

Nessa, essa aconteceu, tempo do presidente José Sarney. Depois o presidente Collor entrou no lugar do Sarney, aí, ele, ele quer fazer a mesma coisa mas a pressão da Europa, a pressão do país inteiro, o governo pressionou muito, o governo ficou muito apertado. Ele prome-

* Discurso na língua Yanomami.

teu retirar os garimpeiros, prometeu demarcar nossa terra.

Bem, agora resolveu porque a ONU, Estados Unidos, a ONU do meio ambiente chamou atenção dele porque ele é presidente de Brasília mas ele começa retirar os garimpeiros, ele tirou garimpeiros, melhorou. E como ele prometeu demarcar nossa terra, ele está trabalhando, melhorou bastante.

Mas a minha preocupação continua ainda porque a doença malária, tuberculose e outras, de doença, contaminação do rio, a contaminação da reserva do Yanomami continua. E por isso eu, eu não vou dizer que estou satisfeito porque a sujeira não saiu mas garimpeiro foi embora, a doença ficou. Essa contaminação da floresta amazônica não é minha culpa: Essa é culpa do governo do mundo inteiro.

Agora eu preciso do favor dele para resolver o problema que ele deixou na minha reserva, para acabar essa, essa poluição, para acabar a malária. Então o próprio governo vai acabar a doença. Isso que eu preciso porque eu, eu não contaminei meu povo. Então governo brasileiro, governo do mundo inteiro vai também ajudar o Collor. Não é só problema do, não é só, não é só culpa do governo

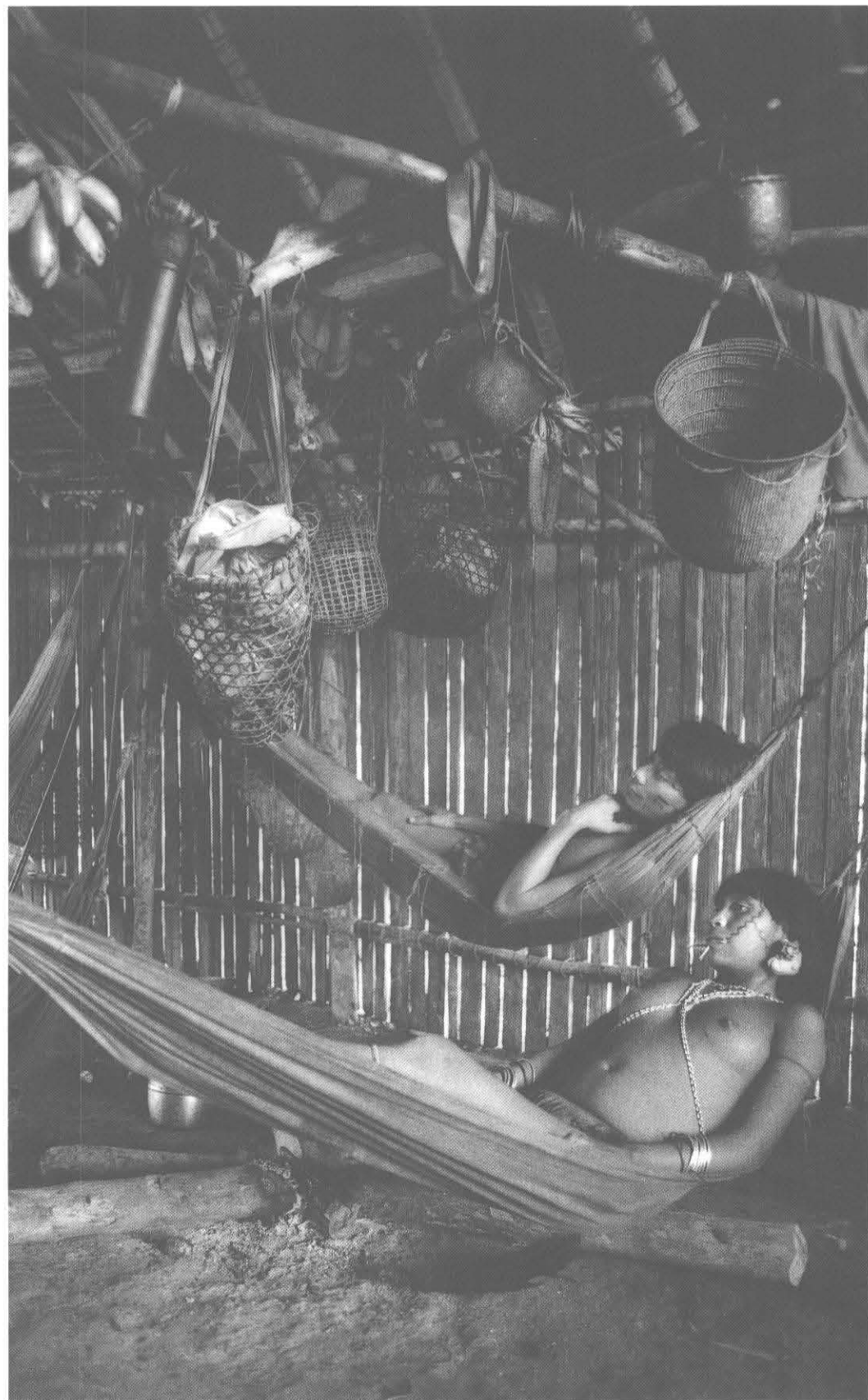


Foto: Jürgen Escher

brasileiro, é culpa também da Europa, Estados Unidos e outros países. Bem, todo mundo conhece muito bem os problemas da invasão, a destruição da terra, dessa, dessa matação da floresta, então todo mundo sabe muito bem. Então eu estou aqui nessa casa agora, recebendo esse prêmio e eu quero dizer para vocês, agora eu estou precisando ajuda de vocês para dar apoio, apoiar projeto de saúde que eu tenho, que você, que ajuda esse projeto para trabalhar o médico, enfermeira e dentista dentro da reserva. Só resolve problema da doença com dinheiro para comprar remédio, medicamento, material para médico trabalhar, para enfermeira trabalhar para os índios Yanomami. Porque nós Yanomami não sabemos fabricar dinheiro. É você que fabrique. Você que inventou esse dinheiro, então você que dá o apoio para os Yanomami, os médicos trabalhar e pagar vôo. Mas eu, eu estou falando aqui, eu não vou precisar dinheiro só para mim não, estou precisando dinheiro para o povo Yanomami, para deixar a, ficar bom. Também vocês pensam, tem muitas pessoas de cabeça boa, mas tem muita gente de cabeça torta com espírito sujo. Eu quero que vocês aprendam com nós, índio,

povo brasileiro indígena, ele nunca precisa invadir, destruir, derrubar floresta, não precisa. Então eu quero que vocês aprendam com nós. Isto aqui, tudo isto aqui, as portas, material, a madeira, esta aqui, vocês chamam o meio-ambiente. Vocês derrubaram tudo isto aqui, vocês, eu, a minha parte eu não vou precisar meio-ambiente, eu sou meio-ambiente, eu quero inteiro ambiente. Tem muita gente interessada em cortar madeira ainda, tem muita gente interessada em explorar a riqueza do Amazonas, mas no meu tempo continuo na minha luta até vencer. Essa floresta amazônica todo mundo sabe porque todo mundo tem interesse. Aqui nesse país não tem mais floresta porque já cortaram tudo, não tem mais nada, agora estão olhando na minha floresta. Então que quer e pensa como fazer, tem que conversar com "Omamë", tem que conversar com "Xabori". Essa floresta tropical é um pulmão do mundo, pulmão da floresta. Se vocês meterem a mão, cortarem tudo, explorarem a terra, tirarem o minério, tirarem ouro, o coração da floresta morre, não tem mais floresta, só tem essa aí. Bom, eu estou aqui falando muito porque os brancos só falam com relógio, só por

mim eu falaria mais e eu quero dizer também para vocês falar com seus netos, ensinar netos para defender, pensar no futuro porque futuro, a vida do mundo. O futuro para nós Yanomami, vocês escutaram quando eu falei Yanomami. Se vocês, os governos do mundo inteiro deixar matar todos os Yanomami, porque Yanomami defende o céu, defende o mundo também. Eu sou também aluno do Xabori, eu trabalho com Xabori para conhecer o mundo inteiro, para conhecer tudo no chão, a parte da terra em cima. Isso que estou falando não é religião. Essa nossa, nossa Xabori é do Omamë, essa é antiga, sem livro, sem papel e sem pelo escrito, mas escrito só aqui na cabeça. Nós Yanomami não temos papel, não temos político, político, só pensamento. Então eu estou explicando para vocês, para vocês sonhar o que é bom, procurar o nosso caminho mais correto. Vocês continuam andando o caminho do político, não vai mudar nada. Tem que procurar outro caminho, caminho do pensamento dos Yanomami, pensamento do Xabori, pensamento do povo indígena no mundo inteiro. Então nosso caminho é mais livre. Nós índios, não interessa fazer toda essa casa. Não interessa usar tudo o

que tem aqui na cidade, não interessa. Precisamos preservar porque a natureza era o nosso pai. O rio que nós bebemos, quando era pequeno eu bebia o leite da minha mãe. Ele representa como a água, a água é nossa mãe. Eu vou deixar bem claro para você: você está pensando o Collor resolveu, mas problema continua, as doenças continuam. Os inimigos do índio continuam brigando para tentar voltar de novo. Então eu quero que vocês fiquem no olho da nossa, a minha povo Yanomami. O mundo esta aqui já conheceu, então quero que vocês fica no olho, não esquece nós. Bem, nós Yanomami, nós Xabori confiamos as suas forças porque resolveu o Collor fazer a pressão, a voz, jornal, notícias, cartas. Essa ajuda de vocês ajudou a resolver problema de tirar os garimpeiros, demarcar as terras, esse é que ajudou. Então o meu muito obrigado para vocês."



Foto: Jürgen Escher

Grußwort des Staatsministers
im Auswärtigen Amt, Herrn
Helmut Schäfer, anlässlich
der Verleihung des Solida-
ritätspreises des Senats der
Freien Hansestadt Bremen an
Herrn Davi Kopenawa
Yanomami

Zur Verleihung des Bre-
mer Solidaritätspreises
1992 an den Repräsen-
tanten des Volkes der Yano-
mami, Herrn Davi
Kopenawa Yanomami, über-
sende ich meine besten
Grüße und Glückwünsche.
Dieser Anlaß belegt von
neuem das große Interesse in
der deutschen Öffentlichkeit
für den Überlebenskampf der
indigenen Völker nicht nur
in Brasilien, sondern in der
ganzen Welt.
Die Yanomamis und andere
Ureinwohner Südamerikas
stehen vor schwierigen Pro-
blemen: die Zerstörung ihres
traditionellen Lebensraumes
durch eindringende Goldsu-
cher, die Garimpeiros, und
Siedler; Umweltschäden
durch rücksichtslosen Raub-
bau an den natürlichen Res-
ourcen; Ansteckung durch
eingeschleppte Krankheiten.

Entscheidend ist die Erhal-
tung der indianischen Völker.

Es gibt Hoffnung: Die brasi-
lianische Regierung hat am
15. 11. 1991 ein 9,4 Mio Hek-
tar großes Gebiet im Nordwe-
sten Brasiliens zum Reservat
für die Yanomamis erklärt.
Die Markierung dieses Terri-
toriums schreitet voran.
Dank energischer Maßnah-
men der brasilianischen
Regierung ist die Zahl der
illegalen Goldsucher im
Yanomami-Gebiet von ca.
40.000 auf einige Hundert
gesunken. Die Yanomamis,
wie auch andere indianische
Völker, finden Unterstützung
bei ihrem Überlebenskampf
durch engagierte brasiliani-
sche und ausländische
Nichtregierungsorganisatio-
nen. Ein Sonderprogramm,
für das die deutsche Bundes-
regierung Hilfe angeboten
hat, soll die prekäre Gesund-
heitssituation der Yanoma-
mis verbessern. In Form
humanitärer Hilfe haben wir
bereits 50.000,- DM für ein
Sofortprogramm zur
Gesundheitsversorgung
bereitgestellt. Die EG finan-
ziert Projekte der „Médecins
du Monde“ in Höhe von
280.000 ECU.

Die beste Unterstützung für
die Yanomamis ist der Erhalt
ihres natürlichen Lebensrau-
mes: des tropischen Regen-
waldes. In Abstimmung mit
ihren Partnern, besonders
der brasilianischen Regie-
rung, und mit internationa-
len Organisationen richtet
die Bundesregierung hierauf
besonderes Augenmerk. 500
Jahre nach der Erschließung
Lateinamerikas für Europa
und im Jahre der UN-Konfe-
renz über Umwelt und Ent-
wicklung in Rio de Janeiro
bleiben alle Betroffenen auf-
gerufen, das ihre zum Schutz
der brasilianischen Regen-
wälder und damit auch zur
Unterstützung für die indige-
nen Völker Südamerikas bei-
zutragen.

Bonn, den 30. April 1992



Foto: Jürgen Escher

Mensagem do Ministro das
Relações Exteriores,
Senhor Helmut Schäfer,
por ocasião da entrega
do Prêmio de Solidariedade
do Senado da Cidade Livre
Hanseática de Bremen a
Davi Kopenawa Yanomami

Por ocasião da entrega do Prêmio de Solidariedade de Bremen de 1992 ao representante do povo Yanomami, senhor Davi Kopenawa Yanomami, envio meus cumprimentos e meus parabéns. Esta ocasião mostra o grande interesse da opinião pública alemã pela luta de sobrevivência dos povos indígenas não apenas do Brasil, mas do mundo todo.

Os Yanomami e outros povos indígenas da América do Sul encontram-se frente a grandes problemas: a destruição de seu ambiente tradicional pela invasão de garimpeiros e colonos; danos no meio-ambiente causados pela exploração exaustiva das reservas naturais; contágio de doenças trazidas de fora. A preservação dos povos indígenas é essencial. Mas há esperança: o governo brasileiro declarou uma área de 9,4 milhões de hectares no norte do Brasil como território Yanomami no dia 15.11.91.

A demarcação desse território continua. Devido às medidas vigorosas do governo brasileiro, o número de garimpeiros no território dos Yanomami diminuiu de 40.000 para algumas centenas. Os Yanomami e outros povos indígenas encontram apoio para a sua luta de sobrevivência em organizações não-governamentais no Brasil e no exterior. Um programa especial, ao qual o governo alemão ofereceu ajuda, deve melhorar o precário estado de saúde dos Yanomami. Através de ajuda humanitária colocamos à disposição 50.000 marcos para um programa de saúde urgente. A Comunidade Européia financia projetos da "Médecins du Monde" no valor de 280.000 ECU. O melhor apoio aos Yanomami é a preservação do seu meio-ambiente: a floresta amazônica. Nesse sentido, o governo alemão, em coordenação com seus parceiros, especialmente o governo brasileiro e organizações internacionais, quer concentrar sua atenção. 500 anos depois da conquista do continente latino-americano para a Europa e no ano da Con-

ferência do Meio-Ambiente e Desenvolvimento das Nações Unidas no Rio de Janeiro, apelamos a todos os atingidos pelo problema que colaborem para a proteção da floresta tropical brasileira e, dessa forma, apoiem os povos indígenas da América do Sul.

Bonn, 30 de abril de 1992



Foto: Jürgen Escher